

## LIBRAS NO MUSEU: ACESSO À CULTURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA PARA OS SURDOS

Libras at the Museum: history, culture and memory for deaf people

**Sueli Fernandes<sup>1</sup>**

**Bianca Spaler<sup>2</sup>**

**Bruno Montanha<sup>3</sup>**

**Elisane Conceição Alecrim<sup>4</sup>**

### RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma experiência de promoção das identidades cultural e linguística da comunidade surda por meio da difusão de materiais acessíveis em Libras no espaço museológico. Apresentamos uma das etapas do projeto de intervenção desenvolvido no Museu

### ABSTRACT

This article aims to present an experience that promotes the cultural and linguistic identities of the deaf community through the dissemination of accessible materials in Brazilian Sign Language in the museum space. We present one of the stages of the intervention project

<sup>1</sup> Doutora em Letras; professora do Setor de Ciências Humanas/Coordenação de Letras Libras. Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil. [suelifsol@gmail.com](mailto:suelifsol@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica da Licenciatura em Letras Libras. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil. [biancaspaler93@gmail.com](mailto:biancaspaler93@gmail.com).

<sup>3</sup> Acadêmico da Licenciatura em Letras Libras. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil. [brunomontanha@gmail.com](mailto:brunomontanha@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPR; licenciada em Letras Libras, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil. [alecrim.ely@gmail.com](mailto:alecrim.ely@gmail.com).

Paranaense, em Curitiba, com a implantação de videoguias bilíngues voltados ao público surdo. A produção do material fundamenta-se em uma concepção de letramento bilíngue, que pressupõe a experiência visual mediada pela Libras e outros elementos semióticos (linguagens verbal e não-verbal) na apropriação do conhecimento pelos surdos. Os procedimentos metodológicos compreenderam as seguintes etapas: revisão de literatura e produção de conhecimento na área; conhecimento do espaço museológico; realização de grupos de estudos interdisciplinares; levantamento lexical de termos inexistentes ou desconhecidos em Libras; produção de textos de apoio para a filmagem; estudo de léxico especializado; filmagem, edição e produção do videoguia bilíngue. Os resultados mais significativos compreendem o protagonismo dos acadêmicos surdos desde o planejamento à execução do projeto, favorecendo sua formação interdisciplinar e a circulação de artefatos culturais em Libras no espaço museológico.

developed at the Paranaense Museum, in Curitiba, with the implementation of bilingual video guides aimed at the deaf audience. The production of the material is based on a conception of bilingual literacy, which presupposes the visual experience mediated by Brazilian Sign Language and other semiotic elements (verbal and non-verbal languages) in the appropriation of knowledge by the deaf. The methodological procedures comprised the following steps: the literature review and knowledge production in the area; knowledge of the museum space; conducting interdisciplinary study groups; lexical survey of non-existent or unknown terms in Libras; production of supporting texts for filming; specialized lexicon study; filming, editing and production of the bilingual video guide. The most significant results include the protagonism of deaf academics, from planning to project execution, favoring their interdisciplinary training and the circulation of cultural artifacts in Libras in the museum space.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Libras; Museu; Acessibilidade linguística; Letras Libras.

#### **KEYWORDS**

Feminism; Misogyny; Bilingual education; Deaf; Pounds.

## **Introdução**

No Brasil, a partir da década de 2000, a agenda política do movimento surdo foi incorporada a um consistente ordenamento jurídico-legal em defesa do reconhecimento da Libras e da identificação dos surdos como minoria linguística nacional. Em particular, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, recepcionada no Brasil pelo Decreto nº 6.949/2009, recomenda

explicitamente que os Estados devem reconhecer, proteger e difundir o uso da língua de sinais, facilitando seu aprendizado em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a fim de que a identidade cultural e linguística específica da comunidade surda seja reconhecida e apoiada. A Convenção orienta, em seu Artigo 30, que o Estado deve “reconhecer o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”, por meio de medidas apropriadas e formatos acessíveis que oportunizem “acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional”. No caso dos surdos, para que suas identidades cultural e linguística sejam reconhecidas e apoiadas, deve-se oportunizar experiências de difusão e inclusão das línguas de sinais e da cultura surda nesses espaços.

Nesse cenário de afirmação de direitos linguísticos e sociais, os anos 2000 foram marcados pela organização de uma agenda de lutas do movimento surdo unificada nacionalmente e pela implantação de políticas públicas em nível federal, como a criação de cursos de graduação em Letras Libras, cujo valor institucional no reconhecimento da comunidade surda como grupo cultural minoritário é indiscutível.

A licenciatura em Libras agrega o grande desafio da formação de docentes (surdos e ouvintes) que serão habilitados para o ensino de uma língua minoritária, ainda não inteiramente prestigiada socialmente, pouco difundida para além dos muros da escola de surdos ou de movimentos religiosos, onde historicamente circulou sem censura. O futuro licenciado em Libras pode atuar como agente de promoção da Libras como língua de cultura, produzindo conhecimento inter/transdisciplinar e promovendo a difusão social da Libras como língua de mediação central no acesso ao conhecimento. Isso significa fazer circular também a Libras em espaços sociais em que a cultura letrada se dissemina pelas línguas orais, como no caso da literatura, do teatro, do cinema, da propaganda, do jornalismo e de outras esferas discursivas.

Partindo dessa compreensão mais ampliada de um projeto de formação docente e indo ao encontro das reflexões realizadas por Chalhub (2015) de que o acesso à informação é uma das formas de expressão da democratização dos espaços culturais, o projeto Libras no Museu foi implementado em 2017,

contemplando a participação de bolsistas surdos, acadêmicos do curso de Licenciatura em Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR)<sup>5</sup>, ação voltada à acessibilidade linguística, ao acesso à cultura e à inclusão social de pessoas surdas.

Em tempos em que a inclusão se afirma como direito e que a apropriação de bens culturais por pessoas com deficiência está na agenda política de todos os movimentos sociais, entendemos que a acessibilidade linguística para surdos nos museus corresponde a uma das premissas desse processo. Nesse sentido, nos propusemos a realizar um projeto de estudo e intervenção no mais antigo museu curitibano – o Museu Paranaense –, inaugurado em 1876, que conta com um acervo de 400 mil itens alocados nos setores de Arqueologia, Antropologia e História. Essa ação concretizou a aproximação entre a Universidade e uma instituição cultural voltada a difundir identidades e memórias, oferecendo seu legado de forma a ampliar a formação dos futuros professores surdos de Libras.

Neste artigo, temos como objetivo apresentar uma experiência de promoção das identidades cultural e linguística da comunidade surda por meio da difusão de materiais acessíveis em Libras no espaço museológico.

## **1. Museu inclusivo: um projeto em construção**

O movimento mundial pela inclusão operou mudanças significativas em relação à sensibilização, ao combate ao preconceito, à garantia de direitos legais e ao convívio não segregado de pessoas surdas (e com outras deficiências) desde os anos 1990 – o foco das ações e políticas públicas alcançou mais fortemente o território escolar e a vida acadêmica desses sujeitos. O acesso à arte em contextos como o teatro, o cinema e os museus ainda representa um complexo desafio ao processo de inclusão, pois prevê uma revolução na arquitetura, na curadoria, na gestão e na formação dos arte-educadores para incluir pessoas surdas nesses espaços em que a expressão artística se manifesta e é socializada.

Em sociedades fortemente marcadas pela tradição letrada oral-auditiva, a ruptura inicial exigida para “incluir” sujeitos surdos que sempre estiveram à margem do conhecimento historicamente elaborado pela

<sup>5</sup> O projeto “Libras no Museu: acessibilidade linguística e acesso à cultura para pessoas surdas” concedeu bolsas de pesquisa aos estudantes por meio do Programa Licenciar/UFPR (2017/2018) e do Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária – PIBIS – UFPR/Fundação Araucária (2019/2020).

humanidade por exclusão linguística, carece da compreensão antropológica da experiência de ser surdo a partir de uma dimensão coletiva da existência surda (LADD, 1998), que caracteriza esse grupo cultural como “povo surdo” ou “comunidade surda” (PADDEN e HUMPHRIES, 1990; LADD, 1998; STROBEL, 2006).

A compreensão de que a inclusão das pessoas surdas passa pelo reconhecimento de sua diferença linguística em relação às pessoas ouvintes, que se comunicam, mantêm relações, produzem conhecimento pela via oral-auditiva, é um pressuposto incontestável. Reconhecer a necessidade de fortalecimento e difusão da Libras como língua de cultura combate o mais potente mecanismo de exclusão e marginalização dos surdos sinalizantes: o monolingüismo em português. O monolingüismo significa exercer uma forma de poder social que institucionaliza a hegemonia de uma língua oral (falada e escrita) em espaços de produção e socialização do conhecimento (educação, legislação, teatro, cinema, museus, mídias...), determinando a exclusão de pessoas impedidas biologicamente (no sentido fisiológico) de partilhar esses signos veiculados pela oralidade, como é o caso de surdos com perdas auditivas significativas, que constituem sua subjetividade e identidade por meio de experiências visuais de aprendizagem mediadas por uma língua visual-espacial para identificação cultural – a Libras, no caso brasileiro.

Costuma-se definir museus inclusivos como espaços que pressupõem a eliminação de barreiras físicas, materiais e arquitetônicas, ações que respondem satisfatoriamente às necessidades de pessoas com mobilidade reduzida ou deficiência visual. Continuam, ainda assim, a ser espaços excludentes para pessoas surdas, se não preverem a inclusão linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma das línguas que circulam no espaço museológico. A ausência da Libras afeta direitos linguísticos de acesso à informação e comunicação de pessoas surdas quando a única língua que circula nos contextos de arte e memória cultural é o português.

Challub, Benchimol e Rocha (2015) refletem que democratizar o espaço museológico significa multiplicar as possibilidades de acesso e de participação de diferentes grupos no *design* museográfico, na perspectiva defendida por Mairesse (apud CHALHUB, BENCHIMOL & ROCHA, 2015) de que o “Museu Inclusivo” é um projeto de natureza política, um “instrumento a serviço da democracia, a fim de permitir a cada um desempenhar um papel de cidadão no

seio da sociedade”. Em pesquisa que buscou evidenciar as medidas tomadas por museus do Rio de Janeiro que contemplam a inclusão social e acessibilidade de pessoas surdas, as autoras elaboraram um roteiro para a identificação da acessibilidade de surdos em museus, sistematizando os seguintes itens como indicadores de eliminação de barreiras ao acesso à informação e comunicação:

presença de funcionários fluentes na Libras na recepção; presença de intérpretes guias para surdos nas exposições; presença de símbolos internacionais de informação; videoguia (em Libras e legendado) explicativo sobre a exposição; presença de SignWriting (escrita de língua de sinais) explicativo sobre o acervo exposto; presença de QR code em obras do acervo com tradução em Libras (oferecer o celular, caso visitante não tenha o aparelho adequado); exposições com informações em linguagem clara e coesa, preferencialmente em tópicos; exposições com informações apresentadas em diferentes recursos (sonoros, visuais, escritos, tácteis etc.); exposições com informações em tamanho e local adequados para leitura (CHALHUB, BENCHIMOL & ROCHA 2015, p.4).

Como se pode notar, os indicadores de acessibilidade linguística apresentados pelas autoras recobrem ações envolvendo recursos humanos (funcionários bilíngues, intérpretes), recursos tecnológicos (sensoriais, QR code, videoguias) e recursos de sinalização (símbolos de acessibilidade, SignWriting e organização da linguagem na informação). Esse levantamento de indicadores, que consideramos bastante completo, destaca a importância de prever inúmeras formas de manifestação e registro em Libras, seja na interação humana, seja em símbolos escritos, seja pela presença de vídeos e outras tecnologias nas medidas e ações de inclusão de pessoas surdas.

No Museu Paranaense, o projeto Libras no Museu elegeu como questão norteadora de sua ação o pressuposto de que a experiência visual mobiliza as experiências de produção e acesso ao conhecimento das pessoas surdas e não poderia prescindir da mediação da Língua Brasileira de Sinais na interação surdos/acervo do museu.

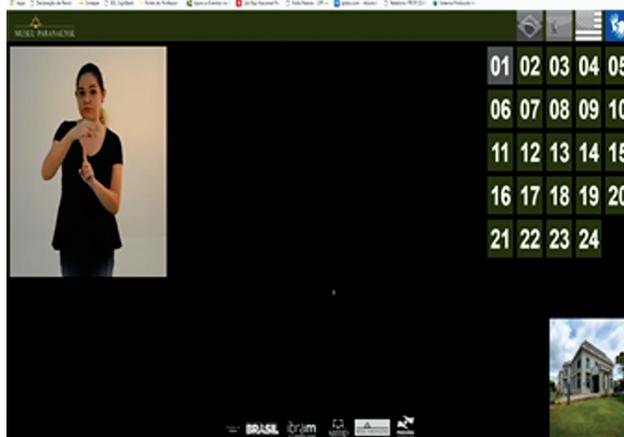
## **2. O processo metodológico da criação de videoguias bilíngues**

A experiência a ser apresentada compreende a terceira fase do desenvolvimento do projeto no acervo do Museu Paranaense, iniciada em 2017 com trabalhos realizados nos setores de Arqueologia (Primeiros Habitantes do Paraná) e História (Imigrantes do Paraná). Nessa etapa, a proposta de intervenção ocorreu no Setor de Antropologia, com temática sobre os “Povos Indígenas do Paraná”: Guarani, Kaingangue, Xokleng e Xetá.

O projeto tinha como pressuposto metodológico a natureza quali-quantitativa dos dados empíricos da realidade social da educação de surdos e foi desenvolvido por meio de revisão de literatura com contribuições teóricas de autores do campo da educação bilíngue para surdos e estudos sobre letramento de surdos, conforme desenvolvidos por Fernandes (2003, 2006) e Fernandes e Moreira (2014, 2017). O início de processo de formação dos estudantes de Letras Libras envolveu a *revisão de literatura e produção de conhecimento na área*, com foco em publicações que debatiam temas como a política nacional de inclusão (BRASIL, 2008) e educação bilíngue para surdos na perspectiva das lutas do movimento surdo pelo reconhecimento das comunidades surdas como minorias linguísticas nacionais, sob a perspectiva dos Estudos Surdos em Educação (PADDEN e HUMPHRIES; LADD, 1998; WRIGLEY, 1996). Além disso, os estudantes liam e debatiam materiais que discorrem sobre a temática de museus inclusivos, realizando levantamento dos indicadores de acessibilidade presentes nos principais museus nacionais, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Museu Nacional e Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro que apresentam ao menos uma das ações de acessibilidade linguística para visitantes surdos, a visita guiada em Libras, com guia surdo ou ouvinte.

Em consulta prévia à página oficial do Museu Paranaense, com o objetivo de conhecer o espaço globalmente, identificamos a presença de um “Áudio Guia – Visita Virtual” (Figura 1), em que estão indicadas as possibilidades de

**Figura 1** – Audioguia em Libras no Site do Museu Paranaense.



Fonte: <http://www.tourvirtual360.com.br/audiomp/libras.html>.

apresentação do conteúdo em português (texto oral e escrito), espanhol e inglês (apenas texto oral). Há o símbolo de acessibilidade em Libras e, nos vinte e quatro itens previstos na visita virtual guiada há a tradução para a Libras do texto escrito que descreve o tópico temático (Figura 2). Vemos essa iniciativa como bastante positiva e sinalizadora de um potencial de ampliação das ações de acessibilidade no Museu Paranaense.

Nesse projeto buscou-se ampliar a concepção de acessibilidade linguística, que entendemos como uma ação importante que remete, porém, a um conceito restrito de tornar acessíveis conteúdos, materiais, produtos, entre outros serviços que não foram inicialmente pensados para surdos por meio de um processo de tradução de conteúdos do português para a Libras. Buscamos, por outro lado, desenvolver conteúdos a partir de uma concepção de letramento em Libras, um processo que previa a apropriação de conhecimento pelos próprios surdos, de modo a que sejam agentes na produção do conhecimento para o público-alvo surdo. Nesse sentido, o protagonismo dos acadêmicos surdos no planejamento, concepção e execução do videoguia foi uma premissa do projeto Libras no Museu.

A abordagem pedagógica para desenvolvimento do videoguia bilíngue para o acervo do setor de História do Museu Paranaense, nesse sentido, está pautada em uma concepção de letramento bilíngue acadêmico, partindo da premissa de que a Libras é a língua de mediação que mobilizará experiências de “leitura” de textos sinalizados e/ou escritos. Nos estudos sobre o letramento de Fernandes (2003, 2006) e Fernandes e Moreira (2014, 2017) argumenta-se que sujeitos surdos estabelecem com o texto uma relação de natureza essencialmente visual, cuja internalização de sentidos depende da mediação da Libras como linguagem verbal de modalidade visual-espacial no processo de apropriação (internalização) dos meios externos do desenvolvimento cultural do pensamento humano (VYGOTSKI, 1991).

O processo de letramento bilíngue dos estudantes surdos envolve vivências em práticas discursivas variadas, de modo que a produção de gêneros textuais sinalizados deve ser um alvo a ser perseguido que costuma circular na esfera acadêmica. Entendemos que a leitura estará sempre contextualizada em referenciais visuais compostos de linguagem verbal (em Libras e escrita) e não-verbal (fotos, desenhos, esquemas, símbolos...), de modo a potencializar

associações, inferências e reflexões para a constituição dos sentidos do texto (FERNANDES, 2003, 2006). O destaque dado à semiose visual no texto sinalizado se dá pela articulação de enunciados verbovisuais em um único plano de expressão (BRAIT, 2013, p. 50), de modo que o texto sinalizado possa ser visto/lido, com destaque à Libras como signo verbal que assume centralidade no letramento visual bilíngue.

Com base nesses princípios, elegemos o “videoguia bilíngue (em Libras e **Língua** Portuguesa)” como um gênero textual (MARCUSCHI, 2003) que poderá se prestar ao letramento bilíngue dos estudantes surdos, e que consiste em uma mídia digital que registra conteúdos desenvolvidos por enunciados verbovisuais (Libras, imagens, escrita) pelos acadêmicos surdos. O videoguia bilíngue é um material pioneiro no sentido de sua natureza didática e protagonizada por sinalizadores surdos, a ser disponibilizado no acervo permanente de museus, ou em outros espaços culturais. No Museu Paranaense, o videoguia fica disponível no acervo de cada um dos setores, conforme a temática do vídeo, para visualização de visitantes surdos e também ouvintes. Está disposto em um monitor de TV, na entrada da exposição.

**Figura 2** – Videoguia bilíngue no acervo permanente do Museu Paranaense.



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

A partir da compreensão dos fundamentos da educação bilíngue para surdos, o passo seguinte envolveu o *conhecimento do espaço museológico* por meio de visita guiada com intérprete de Libras, de modo que os estudantes surdos, além de conhecer o acervo e seus objetivos no projeto de memória e cultura do museu, explorassem o local e identificassem aspectos positivos e negativos relativos à inclusão de visitantes surdos. O acervo dos “Povos Indígenas do Paraná”, do Setor de História, selecionado para a segunda etapa do projeto de intervenção, busca a valorização, preservação e promoção da cultura, da língua e da arte dos povos indígenas. No circuito de exposições estão expostos objetos dos grupos indígenas Guarani, Xetá, Kaingang e Xokleng, que habitavam o Paraná no final do século XIX. O videoguia apresenta aspectos históricos desses povos, informações sobre a origem e localização geográfica dos territórios indígenas, além de aspectos culturais relacionados às línguas indígenas e artefatos de caça, instrumentos musicais, utensílios domésticos e adornos corporais. Um aspecto importante do conteúdo socializado nos vídeos é o das lutas e da organização política dos povos indígenas para preservar sua identidade cultural

**Figura 3** – Visita guiada para conhecimento do acervo.



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

Como resultados da nossa formação, apresentamos as etapas do trabalho coletivo, a *realização de grupos de estudos interdisciplinares* com a mediação de técnicos do setor do Museu. Foi a etapa seguinte, sob a responsabilidade dos técnicos do museu, que oportunizou o desenvolvimento de conhecimentos interdisciplinares nas áreas de Antropologia e Libras, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre os “Povos Indígenas do Paraná”: Guarani, Kaingang, Xokleng e Xetá. Foram realizados, em média, dez encontros semanais,

com a duração de duas a três horas, em média. Os encontros previam a exposição inicial dos conteúdos temáticos explorados pelos técnicos do museu, com a mediação de tradutores intérpretes de Libras da UFPR. Havia, anteriormente aos encontros, a preparação de materiais audiovisuais (slides e vídeos) adaptados, cuja preocupação central era explicitar o significado de palavras e expressões específicas, desconhecidas pelos estudantes.

Em cada um dos encontros, cada estudante surdo utilizava os materiais audiovisuais para produzir um “rascunho” sinalizado, que consistia em um registro dos principais conteúdos do encontro, a ser apresentado aos técnicos do museu, sempre no início do grupo de estudo seguinte. Nesse momento, as correções de possíveis equívocos conceituais eram realizadas pelos técnicos e que complementavam os conteúdos, se necessário. Ao final do processo do grupo de estudos, um resumo registrado em videolibras era produzido, por cada um dos estudantes, como material de apoio a ser utilizado na produção da versão final do videoguia.

**Figura 4** – Grupos de estudo e formação no Museu Paranaense.



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

Com base nos roteiros escritos e disponibilizados pelos técnicos do museu, após cada encontro havia o *levantamento lexical de termos inexistentes e/ou desconhecidos em Libras*, por meio de consultas a dicionários digitais e contatos com pesquisadores e membros da comunidade surda,<sup>6</sup> para definição dos sinais

<sup>6</sup> No caso específico da produção do videoguia “Povos indígenas do Paraná”, agradecemos à professora Shirley Vilhalva pela disponibilidade em realizar videoconferência com os estudantes surdos e disponibilizar materiais sobre os povos indígenas brasileiros para subsidiar a formação do grupo.

a serem utilizados no texto, sob orientação de professores/as colaboradores/as e da coordenadora do projeto. Exemplificamos nas ilustrações que seguem a criação de sinais para os povos indígenas KAINGANG, XOKLENG e XETÁS, com base nas referências culturais dessas etnias.

**Figura 5** – Estudo e criação lexical em Libras.



Fonte: Arquivo dos autores (2019) e imagens do Museu Paranaense

Lucena, Mussy e Leyton (apud De Oliveira; Sofiato e Oliveira, 2017) apontam para a importância de se proporcionar a relação da Libras com a arte e o diálogo com diferentes obras e contextos, citando em sua reflexão sobre a Libras e a cultura surda:

[...] o que se produz no percurso entre as línguas e na relação desse percurso com a arte é o enriquecimento da própria Libras. Isso acontece quando apresentamos palavras, noções e conceitos para os quais não existe tradução, tornando necessária a invenção de sinais para que os alunos possam partilhar com os grupos que recebemos os novos aprendizados. Com isso, não são novos sinais que estão sendo criados, mas uma nova cartografia de afetos, desejos e conhecimentos que se abrem e podem ser vividos, já que esses sinais se proliferam rapidamente, enriquecendo não só a língua, mas o próprio território por onde circula e se inscreve a cultura surda. (Ibid, 2017, p. 61).

Finalizado o processo de formação interdisciplinar no espaço do museu, sob a mediação dos técnicos, a etapa seguinte consistiu na produção técnica do video-guia, compreendendo etapas da filmagem, edição e inserção da tradução oral para o português, produção da versão final do vídeo pelos estudantes, no estúdio do curso de Letras Libras da UFPR, sob a supervisão de um técnico em programação visual.

No momento da gravação, as estratégias de *produção de textos de apoio para filmagem* são diversas e adequadas às características do processo de aprendizagem do português como segunda língua para cada um dos estudantes surdos: alguns utilizam o texto escrito em glosa no teleprompter, outros produzem sua versão escrita dos conteúdos, memorizam e partem para a sinalização, outros produzem um roteiro em Libras que utilizam como espelho no momento da gravação.

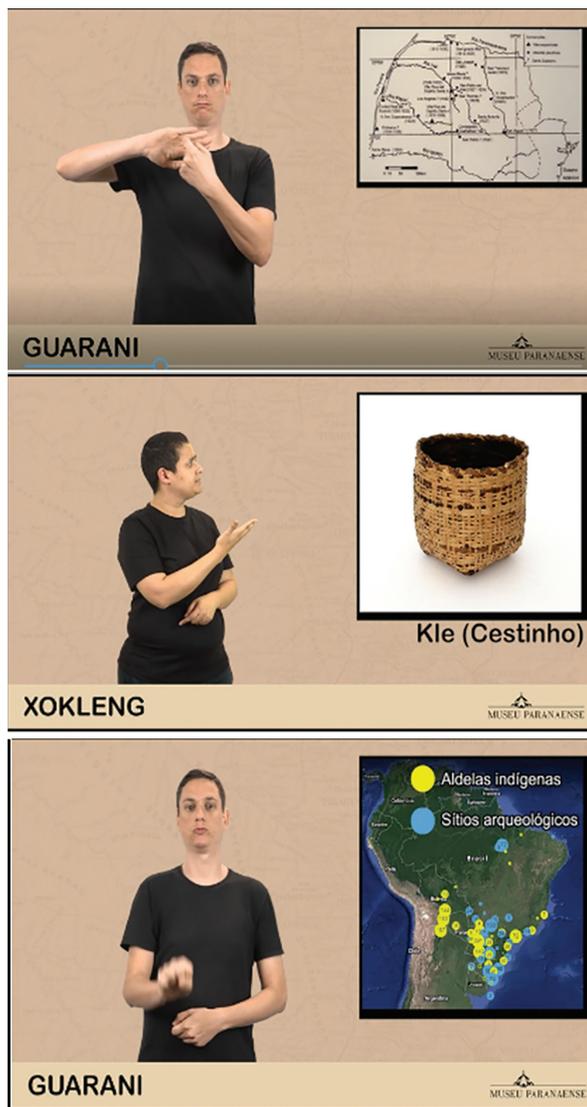
**Figura 6** – Filmagem, edição e tradução do video-guia.



Fonte: Arquivo dos autores (2019)

Na produção desses roteiros de apoio, são planejados os momentos em que o sinalizador apontará recursos imagéticos selecionados anteriormente, que complementarão a sinalização em Libras, atendendo à metodologia do letramento bilíngue como princípio de organização do videoguia, pela combinação de três elementos que compõem a semiose visual do texto: a palavra sinalizada, a palavra escrita e a imagem.

**Figura 7** – Inserção de recursos semióticos visuais.



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

Por fim, a produção do videoguia bilíngue (em Libras e **Língua** Portuguesa) é submetida à avaliação e revisão da equipe do Museu Paranaense, até que seja aprovada para exibição no acervo permanente do Setor de História e disponibilizada à visitação.

### **Considerações finais**

O projeto “Libras no Museu: acessibilidade linguística e acesso à cultura para pessoas surdas” tem como horizonte a análise e a problematização de problemas sociais enfrentados pelas pessoas/alunos/as surdos/as em seu processo de inclusão social. Por meio da produção de um material denominado videoguia bilíngue, buscou-se estimular posicionamentos críticos dos/das acadêmicos/as das licenciaturas, a fim de que atuassem e contribuíssem como mediadores no processo de inclusão cultural de seus pares surdos.

A intervenção no museu demandou por parte dos/das estudantes envolvidos/das processos de reflexão, planejamento e tomada de atitude para o enfrentamento das barreiras vivenciadas pelas pessoas surdas, quando não havia conhecimento disponível em língua de sinais nos espaços culturais por onde circulavam.

Neste artigo apresentamos uma experiência de promoção das identidades cultural e linguística da comunidade surda, por meio da difusão de materiais acessíveis em Libras no espaço museológico. Apresentamos uma das etapas do projeto de intervenção desenvolvido no Museu Paranaense, em Curitiba, com a implantação de videoguias bilíngues voltados ao público surdo. A experiência apresentada compreendeu a terceira fase do desenvolvimento do projeto no acervo do Museu Paranaense, iniciada em 2017 com trabalhos realizados nos setores de Arqueologia (Primeiros Habitantes do Paraná) e História (Imigrantes do Paraná).

Nesta etapa, a proposta de intervenção ocorreu no Setor de Antropologia, com temática sobre os “Povos Indígenas do Paraná”: Guarani, Kaingangue, Xokleng e Xetá.

A produção do material fundamenta-se em uma concepção de letramento bilíngue, que pressupõe a experiência visual mediada pela Libras e por outros elementos semióticos (linguagens verbal e não-verbal) na apropriação do conhecimento pelos surdos, e compreendeu as seguintes etapas:

a revisão de literatura e produção de conhecimento na área; conhecimento do espaço museológico; realização de grupos de estudos interdisciplinares; levantamento lexical de termos inexistentes e/ou desconhecidos em Libras; produção de textos de apoio para filmagem; estudo de léxico especializado; filmagem, edição e produção do videoguia bilíngue.

Como resultados mais significativos desse processo, tivemos a compreensão do protagonismo dos acadêmicos surdos, desde o planejamento à execução do projeto, favorecendo sua formação interdisciplinar e a circulação de artefatos culturais em Libras no espaço museológico, constituindo uma ação pioneira que pode ser socializada para outros museus e espaços de cultura e lazer, favorecendo a inclusão e a participação das pessoas surdas na vida social da cidade.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.

BRASIL. *Decreto nº 6.949/2009*, que regulamenta a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, realizado em Nova York, em 2007. Disponível em: <<http://www.inr.pt/content/1/1187/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 13.145, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

CHALHUB, T. Acessibilidade a museus brasileiros: reflexões sobre a inclusão de surdos. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, 2015.

CHALHUB, T.; BENCHIMOL, A.; ROCHA, L. M. G. de M.. Acessibilidade e inclusão: a informação em museus para os surdos. 2015. In: *Portal de Conferências do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTI*, XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. GT 9: Museu, Patrimônio e Informação. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2997/10.%20ACESSIBILIDADE%20E%20INCLUS%C3%83O.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DE OLIVEIRA, G. B.; Leão, S.; SOFIATO, C. G.; & de OLIVEIRA, M. (2017). A imagem na educação de surdos: usos em espaços formais e não formais de ensino. *Revista de Educação PUC Campinas* – ISSN 2318-0870, 22(1).

FERNANDES, S. F. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. 2003. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24287/T%20-%20FERNANDES,%20SUEL%20DE%20FATIMA%20.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Letramentos na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G.; DE ANGELIS, C. C. M. *Letramento: referências em saúde e educação*. Plexus, 2006.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. *Educar em Revista* (Impresso), v. 2/2014, p. 51-69, 2014.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. *Educar em Revista*, n. 3, p. 127-150, 2017.

LADD, P. In *Search of Deafhood: Towards an understanding of British Deaf Culture*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Estudos Surdos. Unigted Kingdom: Universidade de Bristol, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

PADDEN, C. A.; HUMPHRIES, T. *Deaf in América*. Harvard University Press, 1990.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.